

DOMINGOS FERREIRA
FRANCISCO GUIMARÃES



Alerta

(2.^a SÉRIE)



PANFLETO SEMANAL DE CRITICA POLITICA

SUMARIO :

Ainda a nossa intervenção na guerra— Devemos de ir para a guerra depois de educar o nosso soldado. Sem munições e sem sciencia militar os exercitos nada valem nas batalhas dos tempos modernos.

O afastamento dos funcionarios publicos— O governo praticou um mau acto de politica e de pessima administração. Quem governa são os revolucionarios civis. A indisciplina já chegou ás altas classes dominantes.

José Pereira Sampaio (Bruno)— A sua obra literaria e revolucionaria. O seu falecimento.

Extra-programa Capa e batina— Coimbra e os estudantes. A capa é uma tradição, e a pasta, agora usada, é um produto de pedantismo que envergonha a academia.

Preço, 2 centavos.—N.º 6.—Barcelos, Novembro de 1915.

C. M. B.
BIBLIOTECA

DOMINGOS FERREIRA
FRANCISCO BOMARÉZ

Alerta

1915

BIBLIOTECA

PARTE DO JORNAL DE CRÍTICA POLITICA

BOMARÉZ

Este livro contém o texto de um discurso proferido em 1915, no qual o autor, Francisco Bomaréz, expõe suas ideias políticas e sociais. O discurso é dividido em duas partes principais: a primeira trata da situação política do Brasil e a segunda trata da situação social. O autor defende a necessidade de reformas políticas e sociais para o desenvolvimento do Brasil.

1915

Alerta



2.^a SÉRIE

Directores, editores e proprietários, D. Ferreira e F. Guimaães
Composição e impressão, Tipografia de «O Comercio da Povoada de
Varzim»—Rua 5 de Outubro, 29 a 35
Redacção.—Campo de S. José—Barcelos

Ainda a nossa intervenção na guerra

Somos contrários à ida para a guerra se ha nisso uma oferta dos senhores governantes, simples questão de vontade pessoal dos politicos, em sermos agradaveis aos países latinos, que nesta hora malfadada se batem com denodo nos vastos campos da batalha.

Precisamos atender que a nossa situação financeira não nos permite entrar levianamente numa contenda de tamanha responsabilidade. São milhares de braços validos que, amanhã, deixarão de vez a nossa pauperrima e deficiente agricultura, por mero capricho de meia duzia de ocaç cabeças, que têm as redéas do poder entre as inabeis mãos, de politicos baratos.

Simultaneamente é a dolorosa perspectiva que se

nos antolha de tremenda responsabilidade financeira que vamos contraír sobre os nossos já fracos ombros. Novos impostos e peizadas contribuições surgirão no futuro para fazer face aos milhares de escudos que temos de dispender prodigamente.

Não vê essa gentalha que pede com furor a nossa ida para a guerra, que vai acarretar um sacrificio tremendo para o país; sobre qualquer dos multiplos aspectos que se encare. Ou julgam esses conselheiros de lareira que estamos ainda nos tempos da luta leal a peito descoberto, com romanticas cargas de cavalaria—verdadeiras epopeias das pugnas de outróra!

A guerra hoje é uma contenda de alta sciencia, feita segundo os processos mais proficuos da engenharia moderna. Vastas trincheiras com soldados alapados á espreita do inimigo e outros percorrendo os inumeros labirintos subterraneos. Olha-se e com certa razão, aos menores dispendios de vidas, necessarios aos exercitos combatentes. Aeroplanos velozes, inesperadamente, riscam á cautela as vastidões dos espaços, destruindo, incendiando barbaramente cidades pacificas. Brutais canhões de proporções monstras vomitam á doida lavas de metralha destruidora.

Nós nada disso temos. E' o muito dinheiro de braço dado com a sciencia ao serviço da barbara pilhagem, da violação impune das donzelas e do exterminio selvatico dos povos socegados. Se a nossa aliada—a liberal Inglaterra,—apertada pela luta cada vez mais renhida, nos solicitar o nosso auxilio immediato, a coopera-

ção. dedicada dos nossos soldados, é um dever indeclinavel o marcharmos *incontinenti*, para onde ela nos designar. Iremos nesse caso, com a consciencia socegada dum dever cumprido.

E lá, então, ao sol aurifulgente da vitoria ambicionada ou da derrota gloriosa, saberemos heroicamente, mesmo mordendo o pó da vereda da morte içar muito alto a flamula deste pequeno país que já fez levantar vôo ás aguias destemidas das falanges napoleonicas. Nessa ocasião não haverá pena de bom portugûes que se indigne contra a partida dum corpo de exercito luzitano ou quantos forem requisitados pela nossa velha aliada, para as tragicas linhas de fogo.

Quem o fizesse seria um mau portugûes, prototipo de odiento traidor. Manifestar-se-ia dessa maneira pela vitoria dos povos que se batem pela brutal hegemonia alemã na Europa. A vitoria d'os teutões ambicionada por almas pequenas, tornar-se-ia a punhalada mortal no coração da França—a mãe carinhosa da raça latina. Batendo-nos pelos aliados nestas cordições defenderiamos com a nossa vida a patria estremecida e, ao mesmo tempo, a justiça e o direito que assiste ás nações aliadas.

Terçaríamos, com calor e altivez, as armas, pela sublime triologia da Liberdade, Igualdade e Fraternidade, representada pelo heroico espirito gaulez na grande revolução franceza:

aquela que trouxe para nós, humildes plebeus, a

taboa sublime, a biblia igualataria dos deveres e direitos dos homens.

Revolução grandiosa que pelos seus humanos efeitos iluminou o orbe, quebrando os grilhões infames de castas irrisorias e preconceitos degradantes que pezavam sobre a liberdade das gentes.

Domingos Ferreira



○ afastamento dos funcionarios publicos

O afastamento do serviço activo dos vinte militares do exercito e mais de uma meia duzia de funcionarios publicos representa, neste instante de supremas e dolorosas expectativas, um mau acto de politica. Decididamente não temos criterio algum. Está completamente confirmado o juizo que sobre esta gente, que para ahi nos governa, manifestamos logo no primeiro numero deste panfleto. Todos os países atravessam uma triste crise de subsistencias, de falta de dinheiro e de perigosa situação ante a guerra que agora se desenrola, tragica e violenta, por cima de quasi toda a Europa aterrada.

A acção dos governos nas nações que uma rudimentar ideia da presente circumstancia é comprehendida limita-se a tratar cautelosamente de assuntos estranhos á politica e que livres o mais

possível os povos de uma possível e prolongada fome, já tão visível e percebida num futuro muito perto. Em Portugal não! A indisciplina em todas as classes do nosso país é cada vez mais clara e mais tumultuosa.

Dia a dia acentua-se com mais evidencia a certeza de que a nossa governação publica é inefficaz e inepta. Não temos homens que saibam governar. As medidas que preocupam totalmente o cerebro dos nossos politicos são a reforma da policia e o afastamento do serviço activo dos funcionarios que são desafectos á Republica. Precisamente estes dois casos nenhum valor merecem comparados com mil outros assuntos que affectam com todo o seu rigor a existencia atribulada e infeliz da nossa gente.

A nossa administração publica decorre anarchicamente e cheia de incidentes desastrosos para o nosso brio de republicanos. Assim não é viver! Caminhamos com celeridade agigantada para um estado de desorganisação geral e completa. Com a reforma da policia e com o afastamento dos funcionarios publicos não endireitamos as nossas finanças nem salvamos o país de uma esperada falta de alimentos que tornam a vida das classes prolectarias em estado de não poderem ir labutando neste imenso mar de angustias e desalentos. Mas os nossos governantes procedem desta forma, porquê?

Porque as suas resumidas inteligencias não os ajudam a alcançar o futuro cheio de trevas e de amarguras que ao distante se enxerga? Não é só com esse mal, infelizmente. A Republica veio cêdo de mais para aqueles que se gavam de a ter



ajudado a implantar, mas que não tiveram a noção exacta, o conhecimento completo dos seus principios, do seu valor como regimen e da necessidade que ha de executar os seus preceitos politicos com a integridade radical que a nossa desmoralisação de costumes impõe. O afastamento de funcionarios publicos é, já o dissemos, um acto de má politica e de pessima administração. O país não tem dinheiro para arredar do serviço funcionarios validos, cheios de vida, alguns com serviços distintos prestados ao desenvolvimento da sua profissão, pagando-lhes oitenta por cento dos seus vencimentos. Para o cargo que esses homens ocupavam é preciso que vão outros.

O Estado terá de pagar-lhes novos ordenados. Alem deste facto, que é retintamente importante, o regimen adquiriu mais umas dezenas de inimigos que nunca lhe perdoarão a rudeza com que os despediram dos seus serviços. Para agravar ainda o character prejudicial em extremo desta medida ha o facto de ela não ser de iniciativa do governo, mas sim a imposição de uma nova classe, constituida e organizada depois da proclamação da Republica —o revolucionario civil! O chamado revolucionario civil só agora viu a imprescindivel urgencia de retirar do serviço os homens que, pelos seus actos passados, eram hostis á Republica. Porque razão não impoz essa medida logo que as manifestações contra o regimen se declararam? Nesse momento toda a ideia da defeza na legitima e oportuna. Hoje não! Nem as condições excépcionais provocadas pela guerra permitem que nos entertamos a aniquilar vinte inimigos das instituições vendo nos outros países

os seus homens políticos absorvidos constantemente no estudo de assuntos graves e serios que preocupam os interesses das suas nações. Mas nós procedemos doutra forma, tolamente, para satisfazer a imposição de uma classe, que pelos seus actos, sucessivamente, vai contribuindo para o estado de indisciplina e desorganização que em todas as outras se observa. Mal vai a um país que manifesta receio pela acção que vinte individuos podem realizar. Esta medida do afastamento de funcionarios só se explica pela sua origem de imposição, mas não se desculpa, nem mesmo que a defendessem com argumento de metralha. Se quizessem defender a Republica fizessem isso na ocasião em que os actos dos seus detractores davam plena razão a depô-los dos seus cargos, não os beneficiando com oitenta por cento dos seus vencimentos, mas reduzindo-os sim á necessidade de trabalhar para viver. Demais, se essa medida se impunha como util, então o afastamento não se devia reduzir a uma meia duzia de individuos, mas sim abranger centenas de funcionarios que passam o tempo, mesmo nas repartições, a hostilizar o regimem.

Atravessamos uma grande crise financeira, e o governo vai ainda prejudical-a mandando para o socego das suas casas, isentando-os de todo o trabalho, umas dezenas de homens, dando-lhes mais do que três quartas partes do seu ordenado! E, é claro, vai preencher esses logares com novos funcionarios—decerto revolucionarios civis, visto ser deles a imposição para a pratica do acto em referencia.

Não! Este acto é de má politica e de má

administração. A importunidade da sua realização é tão flagrante que ninguém contava que neste momento se fizesse. O governo devia preocupar-se com coisas mais uteis. Em vez de aceitar imposições dos chamados revolucionarios civis, —que se fartam de clamar que a eles se deve a Republica e que só a eles pertence— devia dar-lhes catecimos de educação civica e dizer-lhes que se o motivo de cooperarem no estabelecimento do Regimen os autorisa a anarquisarem as nossas finanças com as suas pretensões e de indisciplinarem todas as classes nacionais com a pratica dos seus actos nefastos e maus, melhor era se terem negado a colaborar na obra da implantação de uma forma do governo que não pode, nem deve estar, a mercê dos desejos insaciaveis e dos loucos projectos de criaturas sem preparações intellectuais que os tornem dignos de ser consultados.

O país precisa de boa administração e de fazer entrar na boa disciplina todas as classes que da desordem vivem e fazem desta Republica um Hospicio de caridade para os revolucionarios civis e bachareis sem intelligencia.

Francisco Guimarães





JOSÉ PEREIRA SAMPAIO (BRUNO)

Ao abriremos as gazetas, de sexta-feira da semana passada saltou-nos abruptamente aos olhos a morte do grande publicista e lutador, José Pereira de Sampaio, (Bruno).

Neste começar de estação outonal, as letras portuguesas tem sido dolorosamente maltratados com o desaparecimento de vultos de rara envergadura intelectual, como seja Ramalho Ortigão—o fino estilista da *Holanda*, o critico iconclasta e supremo educador das *Farpas*.

Agora, por mal dos nossos pecados, coube vez à pessoa de Bruno, quando muito ainda havia a esperar do sabio admirado, do critico acatado, do erudito valioso, do bibliografo pertinaz e jornalista incisivo. A collecção das suas valiosas obras melhor o dizem neste momento que a nossa humilde pena:—*Geração Nova*, *Notas do Exilio*, *A ideia de Deus*, *A Ditadura*, *A Questão Religiosa*, *O Brazil Mental*, *Portuenses Ilustres*, etc.

Denodado republicano de sempre, desde os bancos

escolares, que o seu grande talento se evidenciou nas paginas da imprensa republicana, espalhando, a *flux*, a semente abençoada de principios modernos. Foi um grande batalhador da nobre ideia republicana, redigindo jornais como a scintilante *Folha Nova* e outros. Mais tarde, até ha pouco tempo antes do advento da Republica, dirigiu a *Voz Publica*, a cujo diario o regimem actual mais deve na propaganda altiva e inteligente, no norte do país.

Perseguido pelos magnates do regimem passado soffreu as agruras do exilio forçado, quando do heroico movimento de 31 de Janeiro, pelo muito amor que consagra-va á sua patria, então sevandijada pelos aulicos duma monarchia que baqueou vergonhosamente na manhã imorre- doira de Cinco de Outubro.

Causa a seguir



Ha algumas semanas estas semanas ha
 fizo o outro partim em dizeção á historica
 Coimbra.
 De cima da ponte mais davia de dentro em
 (ente não se afiga apanha uma vez sem
 do grande grande que se achava em
 ções espalhadas sobre as suas aguas do
 gozo foz. O campo tinha para abito de
 zando campos verdejantes e longiquos con-
 tos com a arborização já frutifica de
 doaria a labele o solo erudito. Por entre
 rutos melancolicos pittorescos a prefer de vista
 era a minus pais de Azule. A casa de
 aristocratica encolta em pedras de Alenquer



Extra-programa

Capa e batina

Ha algumas semanas deste começar de delicioso outono partimos em direcção á historica Coimbra.

De cima da ponte, meia duzia de metros em frente, não se loriga sequer uma vaga sombra do variado casario, que se rechina em ondulações caprichosas sobre as turvas aguas do perigoso Douro. O comboio linha fora, abala deixando campos verdejantes e longinuos cômoros, com a arborisação já tristonha, de folhagem doentia a tapetar o solo criador. Por entre esguios, melancolicos pinheiros, a perder de vista, fica a mimosa praia de Aguda. Agora Granja a aristocratica envolta em rendas de Alençon e

nobreza de linhagem, com seus elegantes *chalets* toucados de macisso de verdura encantadora.

Expresso nevoeiro envolve num plumbeo véo o festivo panorama que o Porto oferece, em dias de sol.

Nenhum vulto de mulher gentil assoma curiosamente ás janelas daquele perfumado paraíso de encantos.

Decorridos momentos, o tempo indispensavel para fumar um cigarro, o comboio diminue aos poucos a violencia da marcha. Estamos em Espinho. Hoteis hermeticamente fechados e meia duzia de individuos que vivem do mar ingente, de olhar sombrio, espreitam cabisbaixos ás toscas cancelas. Num rapido perpassar de *écran* deixa Ovar, Estarreja. Aveiro e Mogofores, para entrar triunfante na Pampilhosa.

A maquina resfolega a plenos pulmões. Ha uma ligeira demora. Uns segundos de suave descanço. Senhoras e cavalheiros atarefados, de pequenas malas nas mãos, abançam no *restaurant*, servindo-se num rufo do almoço, enquanto esperam o comboio que os ha-de conduzir pela linha ferrea da Beira Alta.

Já inumeras oliveiras metalisam a paisagem. Um silvo agudo, sonoro, anunciava Coimbra. Bengala numa mão e a pequena *valise* na outra atravessamos ligeiros a gare e instalados comodamente na carruagem esperamos que nos

transportem á estação B. Um azougado garotelho, talvez filho de algum bacharel dos muitos que deixaram corações apaixonados a sangrar de saudade, apregoava numa voz vibrante como um clarim de guerra: «O Seculo, Republica, Mundo e Luta». Um *pst* e em troca de 40 reis eis-me senhor dos corifeus jornalisticos da politica portugêsa.

Posto o comboio em marcha, abrimos «A Capital» e deparamos entre o revolto noticiario uma comunicação em que um estudante annunciava que a maioria do elemento academico de Lisboa tinha pedido ao senado universitario o uso obrigatorio da capa e batina.

Exultei por ver que o vento de insania que nos ultimos anos se apossou deste lindo país tende por sua vez a desaparecer. Dois academicos, irrepreensivelmente postos, seguem pela estrada paralela á linha ferrea envoltos no negrejar de romanticas capas. Pela retentiva afagou-me a esperanza de os ver aos grupos alegres pela baixa á boca da noite, no seu passeio predilecto, sobraçando pastas caras e de fino gosto artistico, «bordadas por mãos de fadas, noiva ou mãe» como lá diz uma das mais encantadoras baladas de despedida, dum dos cursos, da despreocupada carreira academica Coimbra.

Sofri uma dolorosa decepção ao notar que alguns estudantes envergavam o traje academico

com botas amarelas. Outros, á *futrica*, exhibindo com ar vitorioso as invejadas pastas de quintanistas. Aflorou-me á mente aquella historia do *touriste* inglês que ao encontrar um aluno da Escola Medica do Porto, de pasta, perguntou ao individuo que o acompanhava, se era um *reclame* a alguma fabrica de fitas de seda.

Em Coimbra são meia duzia de meninos bonitos que desta forma procedem. *Snobs* que vivem do escandalo que provocam no indigena com a exhibição dum vistoso guarda-roupa. A capa e a batina casa-se com a paisagem espiritual, toda sentimento, que envolve a cidade dos doutores— a mais bela do rincão lusitano. Envolve carinhosamente nas suas dobras, os ricos e pobres, mediocres e inteligentes num vigoroso abraço de fraternal egualdade.

Vá senhores academicos da lendaria Coimbra, não deixem morrer a tradição que é o elo que nos une ao passado. E' a vida dum povo glorioso, como o nosso, a desdobrar-se eternamente em novas fontes de civilisação.

Domingos Ferreira

Domínios Felizes

meus em outras partes de conquista
 florestas, como o nome a descoberta, se estendi-
 das por meio do trabalho. E a vida que he de
 dar, não deixam morrer a natureza que e o que

Au sempre os trabalhos de justiça Com-
 puzeram e obediencia:

provas e incertezas para a natureza a vida de
 sustentação suas doutrinas e leis e barões me-
 a mais para do mundo humano. Trabalho e inco-
 nformidade que a vida e a vida dos homens —
 para cada se com a natureza e a natureza toda
 e a vida que a natureza e a natureza e a
 do trabalho que a natureza e a natureza e a
 vida que a natureza e a natureza e a

Em Comria e o mais vida de trabalho po-
 a vida e a vida de vida de vida

trabalho que o se trabalhar se em um estado
 com a vida de vida de vida de vida de vida
 vida de vida de vida de vida de vida de vida
 vida de vida de vida de vida de vida de vida
 vida de vida de vida de vida de vida de vida
 vida de vida de vida de vida de vida de vida
 vida de vida de vida de vida de vida de vida

1873
MAY 10



C.M.B.
Biblioteca

Handwritten signature

Handwritten signature

Handwritten signature

Handwritten signature

